

KIERA CASS

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO

A woman with long, wavy brown hair is seen from behind, wearing a voluminous, shimmering golden gown. She is standing on a beach, looking out at the ocean under a clear blue sky. The gown has a long, thin chain of beads or buttons down the back. The overall scene is romantic and ethereal.

A SEREIA

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A SEREIA

KIERA CASS

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Olá, meus leitores brasileiros!

Em primeiro lugar, queria agradecer demais pelo apoio ao longo dos anos com a série A Seleção. Vocês estão entre os meus leitores mais empolgados, e a animação e a generosidade de vocês sempre me impressionam. Sou grata para sempre!

Em segundo lugar, quero agradecer por terem decidido ler *A sereia*. Sempre fico assustada ao lançar um projeto novo, mas espero que vocês curtam este livro tanto quanto curtiram os outros.

Na verdade, *A sereia* foi o primeiro livro que lancei, embora eu não tivesse recorrido a uma editora tradicional na época. Foi uma grande aventura voltar a ele seis anos depois de lançá-lo pela primeira vez e ter uma equipe inteira me apoiando e me dando a chance de melhorá-lo.

O enredo é uma releitura moderna do mito grego das sereias. Conta-se que essas belas mulheres (que alguns diziam ter corpo de pássaro) cantavam às margens dos oceanos, e que os marinheiros se apaixonavam tanto que desviavam o navio para se aproximar, mas acabavam batendo em rochedos e morrendo afogados. As garotas que vocês estão prestes a conhecer aqui não têm asas nem

nada parecido. São apenas jovens comuns que se depararam com uma irmandade misteriosa.

O que mais gosto nessas garotas é que, apesar de serem sobre-humanas em muitos aspectos, ainda são muito vulneráveis em outros. O coração delas é bem frágil, e a capacidade de amarem umas às outras (e algumas pessoas que talvez não devessem) foi o que mais me comoveu quando decidi escrever tudo isto.

Espero que vocês gostem da história de Kahlen e que não fiquem com medo de entrar na água depois!

Com muito amor,
Kiera

Para Liz.

*Porque ela é o tipo de garota para quem deveriam compor músicas,
escrever poemas e dedicar livros.*



É ENGRAÇADO PENSAR NAS COISAS A QUE NOS APEGAMOS, nas coisas de que lembramos quando tudo acaba. Ainda consigo ver os painéis nas paredes da nossa cabine e recordar com precisão como o carpete era macio. Lembro do cheiro da água salgada permeando o ar e grudando na minha pele, e o som das risadas dos meus irmãos no outro quarto, como se a tempestade fosse uma aventura emocionante em vez de um pesadelo.

Mais do que qualquer sentimento de medo ou preocupação, pairava no ambiente um ar de irritação. A tempestade acabara com nossos planos; não haveria dança no convés principal naquela noite. Essas eram as desgraças que assolavam minha vida, tão insignificantes que dava quase vergonha de admiti-las. Mas isso foi há muito tempo, quando a minha realidade parecia ficção de tão boa que era.

— Se esse chacoalhar não parar logo, não vou ter tempo de ajeitar o cabelo antes do jantar — minha mãe reclamou.

Levantei os olhos para ela do lugar em que estava, deitada no chão numa tentativa desesperada de não vomitar. O reflexo dela no espelho lembrava um cartaz de cinema, e para mim as ondas de seu cabelo pareciam perfeitas. Mas ela nunca ficava satisfeita.

— Você tem que levantar do chão — ela continuou, baixando os olhos para

mim. — E se algum empregado entrar?

Caminhei com esforço até um dos divãs, como sempre fazendo o que me mandavam, embora não considerasse aquela posição necessariamente mais digna de uma dama. Fechei os olhos, rezando para a água se acalmar. Eu não queria ficar enjoada. A nossa jornada até aquele último dia tinha sido bem comum, apenas uma viagem de família do ponto A ao B. Não consigo lembrar para onde íamos. Mas lembro que viajávamos em grande estilo, como de costume. Éramos uma das poucas famílias sortudas que sobreviveram à Grande Depressão com a fortuna intacta — e minha mãe gostava de deixar isso bem claro para as pessoas. Assim, estávamos alojados numa suite bonita com janelas de tamanho considerável e mordomos particulares ao nosso dispor. Eu cogitava chamar um deles pela campainha e pedir um balde.

Foi então, no meio daquele torpor do enjoo, que ouvi uma coisa. Soava quase como uma cantiga de ninar distante, que me deixou curiosa e, por algum motivo, com sede. Levantei a cabeça e vi minha mãe fazer o mesmo, procurando o som. Nossos olhares se encontraram por um instante; ambas precisávamos garantir que o que ouvíamos era real. Quando percebemos que não estávamos imaginando coisas, voltamos a nos concentrar na janela para escutar. A música era de uma beleza intoxicante, como o efeito de um cântico sobre devotos religiosos.

Meu pai enfiou a cabeça pela porta do quarto. Seu pescoço trazia um curativo recente onde ele havia se cortado quando tentara se barbear durante a tempestade.

— É a banda? — ele perguntou. O tom de sua voz era calmo, mas o desespero em seu olhar era assustador.

— Talvez. Soa como se viesse de fora, não é? — minha mãe respondeu, de repente sem fôlego e ansiosa. Ela levou uma mão ao pescoço e engoliu em seco. — Vamos lá ver.

Ela levantou com um salto e pegou um casaco. Fiquei chocada. Ela odiava sair na chuva.

— Mas mãe, e a sua maquiagem? Você acabou de dizer...

— Ah, isso... — ela disse, desconsiderando o comentário e balançando os ombros para acertar o caimento do cardigã cor de marfim. — Só vamos lá por um instante. Vou ter tempo de ajeitar a maquiagem quando voltar.

— Acho que vou ficar — falei.

Me sentia tão atraída pela música quanto eles, mas a umidade grudenta no rosto me lembrou de como eu estava quase a ponto de vomitar. Sair do quarto no

meu estado não podia ser uma boa ideia, então me aninhei ainda mais no divã, resistindo ao ímpeto avassalador de levantar e seguir meus pais.

Minha mãe virou para trás e nossos olhares se cruzaram.

— Me sentiria melhor se você viesse comigo — ela disse com um sorriso.

Essas foram as últimas palavras da minha mãe para mim.

No exato momento em que abri a boca para argumentar, me encontrei de pé e já atravessando a cabine para segui-la. Não era apenas uma questão de obediência. Eu *precisava* subir ao convés. Precisava chegar mais perto da música. Se tivesse permanecido no quarto, provavelmente teria ficado presa e afundado com o navio. Então poderia ter me juntado à minha família. No céu ou no inferno, ou em lugar nenhum, se tudo isso fosse mentira. Mas não.

Subimos as escadas, acompanhados ao longo do caminho por vários outros passageiros. Foi então que percebi que havia algo errado. Alguns corriam, abrindo caminho entre a multidão aos empurrões, enquanto outros pareciam sonâmbulos.

Pisei no convés sob uma chuva torrencial e fiz uma pausa ao cruzar a porta para contemplar a cena. Tapei os ouvidos bem forte com as mãos para silenciar os trovões que ressoavam e a música que hipnotizava, tentando me situar. Dois homens passaram correndo por mim e se jogaram ao mar sem hesitar. Mas a tempestade não estava tão ruim a ponto de precisarmos abandonar o navio, estava?

Olhei para o meu irmão mais novo e o vi saltitar sob a chuva como um gato selvagem que põe as garras em carne crua. Quando alguém perto dele tentou fazer o mesmo, eles começaram a se empurrar, como se lutassem pelas gotas. Dei meia-volta para procurar meu irmão do meio. Jamais o encontrei. Estava perdido na multidão que se acumulava contra o parapeito. Partiu antes mesmo que eu pudesse compreender o que estava acontecendo.

Então vi meus pais, de mãos dadas, com as costas contra o parapeito, se inclinando para trás como se não fosse nada de mais. Eles sorriam. Eu gritava.

O que estava acontecendo? O mundo tinha ficado louco?

Uma nota invadiu meu ouvido e baixei as mãos. De repente, a canção era a única coisa que importava. Minhas preocupações se desfizeram. Parecia mesmo que o melhor seria estar na água, envolta nas ondas em vez de bombardeada pela chuva. A sensação devia ser deliciosa. Eu precisava bebê-la. Precisava encher meu estômago, meu coração, meus pulmões com ela.

Com esse único desejo pulsando no corpo, caminhei até a balaustrada. Seria um prazer beber aquilo até ficar cheia, até cada pedaço meu estar satisfeito. Eu

mal tinha consciência de que estava me dependurando para fora, mal tinha consciência de qualquer coisa, até que o impacto duro da água no meu rosto me fez recobrar os sentidos.

Eu ia morrer.

Não!, pensei enquanto lutava para voltar à superfície. *Não estou pronta! Quero viver!* Dezenove anos não eram o bastante. Ainda havia muitas comidas para provar e muitos lugares para visitar. Um marido, assim eu esperava, e uma família. Tudo isso, absolutamente tudo, desapareceria num instante.

— *De verdade?*

Não tive tempo para duvidar da existência da voz que ouvia e logo respondi:

— *Sim!*

— *O que você daria para continuar viva?*

— *Qualquer coisa!*

Imediatamente, fui arrastada para longe do naufrágio. Foi como se um braço envolvesse minha cintura e me puxasse com destreza, me fazendo avançar rapidamente por entre os corpos até me desvencilhar de todos eles. Logo me vi deitada numa superfície dura, diante de três garotas de uma beleza inumana.

Por um momento, todo o horror e a confusão por que eu tinha acabado de passar se dissolveram. Não havia tempestade, família, medo. Só havia aqueles rostos belos e perfeitos. Apertei os olhos e as examinei, fazendo a única suposição possível.

— Vocês são anjos? — perguntei. — Eu morri?

A garota mais perto de mim — que tinha os olhos mais verdes que eu já tinha visto na vida e o cabelo vermelho brilhante esvoaçando em volta do rosto — se abaixou.

— Não. Você está bem viva — ela garantiu com um agradável sotaque britânico.

Fiquei boquiaberta, sem palavras. Se eu ainda estivesse viva, não sentiria os arranhões do sal garganta abaixo? Meus olhos não estariam queimando por causa da água? Ainda não estaria sentindo o rosto arder da queda? No entanto, me sentia perfeita, completa. Ou estava sonhando ou estava morta. Tinha que estar.

Ainda dava para ouvir os gritos ao longe. Ergui a cabeça, e logo depois das ondas avistei a popa do nosso navio, que balançava de modo surreal acima das águas.

Tomei vários fôlegos descompassados, confusa demais para compreender como estava respirando ao mesmo tempo que ouvia os outros se afogarem ao meu redor.

— Do que você se lembra? — ela perguntou.

Balancei a cabeça.

— Do carpete.

Vasculhei as lembranças. Já sentia que elas estavam ficando distantes e turvas.

— E do cabelo da minha mãe — acrescentei, com a voz fraca. — E depois eu estava na água.

— Você pediu para viver?

— Sim — disparei, me perguntando se ela podia ler minha mente ou se todo mundo tinha pensado o mesmo. — Quem são vocês?

— Meu nome é Marilyn — ela respondeu com ternura. — Esta é Aisling — ela continuou, apontando para uma garota loira que me abriu um sorriso discreto e caloroso. — E aquela é Nombeko.

Nombeko era negra como o céu noturno e parecia não ter um fio de cabelo sequer.

— Somos cantoras — Marilyn explicou. — Sereias. Servas da Água. Nós a ajudamos. Nós... a alimentamos.

Franzi a testa.

— Do que a água se alimenta?

Marilyn lançou um olhar na direção do navio que naufragava. Quase todas as vozes já tinham se calado agora.

Ah.

— É nosso dever, e logo poderá ser o seu também. Se você der a Ela seu tempo, Ela vai te dar vida. Deste dia em diante, pelos próximos cem anos, você não vai adoecer nem se machucar, e não vai envelhecer um dia sequer. Quando o tempo terminar, você receberá de volta a sua voz e a sua liberdade. E poderá viver.

— S-sinto muito — gaguejei. — Não entendo.

As outras atrás dela sorriram, mas seus olhos aparentavam tristeza.

— Seria impossível entender agora — Marilyn disse. Ela passou a mão pelo meu cabelo, me tratando como se eu já fosse uma delas. — Garanto a você que nenhuma de nós entendia. Mas esse dia chegará.

Levantei com cuidado, chocada ao ver que estava de pé sobre a água. Algumas pessoas ainda boiavam ao longe, batendo os braços contra a correnteza como se fossem capazes de se salvar.

— Minha mãe está lá — supliquei. Nombeko suspirou com olhos saudosos.

Marilyn passou o braço pelos meus ombros, olhando na direção do

naufrágio. Então, sussurrou no meu ouvido:

— Você tem duas escolhas. Pode ficar conosco ou se juntar à sua mãe. *Se juntar a ela.* Não salvá-la.

Permaneci calada, pensando. Será que as palavras dela eram verdadeiras? Será que eu poderia escolher a morte?

— Você disse que daria qualquer coisa para viver — ela me lembrou. — Por favor, leve a promessa a sério.

Vi a esperança nos olhos dela. Ela não queria que eu fosse. Talvez tivesse visto mortes demais num dia só.

Fiz que sim com a cabeça. Eu ia ficar.

Ela me puxou para si e cochichou no meu ouvido:

— Bem-vinda à irmandade das sereias.

Fui tragada pela água e alguma coisa fria penetrou minhas veias. E embora isso me assustasse, não chegou a doer.

OITENTA ANOS DEPOIS



— POR QUÊ? — ela perguntou com o rosto inchado do afogamento.

Estendi as mãos num alerta para que ela não se aproximasse mais, numa tentativa de dizer sem palavras que eu era fatal. Mas estava claro que ela não tinha medo de mim. Ela buscava vingança. E ia conseguir de qualquer maneira.

— Por quê? — ela quis saber de novo. As algas-marinhas enroscadas na perna dela faziam um som monótono e molhado ao serem arrastadas pelo chão.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse segurar:

— Precisei.

Ela nem se abalou com a minha voz, apenas continuou avançando. Era isso. Eu finalmente pagaria pelo que fizera.

— Eu tinha três filhos.

Me afastei, à procura de uma escapatória.

— Eu não sabia! Juro que não sabia de nada!

Por fim, ela parou, a apenas alguns centímetros de mim. Fiquei à espera de que me batesse ou enforcasse, que encontrasse um jeito de vingar a vida que lhe tinha sido tirada tão cedo. Mas ela só ficou ali, com a cabeça inclinada para o lado enquanto me contemplava, os olhos esbugalhados e a pele azulada.

Então ela atacou.

Acordei sem fôlego, agitando o braço contra o vazio diante de mim até

entender.

Um sonho. Não passava de um sonho. Levei a mão ao peito, na esperança de acalmar meu coração. Em vez de pele, meus dedos tocaram a capa da minha caderneta. Peguei-a e examinei as páginas montadas com cuidado, repletas de recortes de notícias. Ninguém mandou trabalhar nela antes de dormir.

Eu tinha acabado de terminar a página sobre Kerry Straus quando caí no sono. Ela era uma das últimas pessoas do nosso naufrágio mais recente que eu havia encontrado. Faltavam mais duas, e então eu teria informações sobre cada uma daquelas almas perdidas. O *Arcatia* talvez fosse meu primeiro navio completo.

Ao observar a página de Kerry, reparei bem nos olhos brilhantes da foto que estava no site em sua memória. O site era feio, sem dúvida criado pelo viúvo entre a rotina sem fim do trabalho e as tentativas de servir algo mais criativo do que macarrão aos seus três filhos órfãos de mãe. Kerry tinha um olhar promissor, um ar de expectativa brilhando ao redor dela.

Eu tirei isso dela. Roubei e dei para a Água se alimentar.

— Pelo menos você teve alguém — eu disse à foto dela. — Pelo menos havia alguém para chorar por você quando você se foi.

Eu queria ser capaz de explicar como a interrupção de uma vida plena era melhor do que o prolongamento de uma vida vazia. Fechei a caderneta e a botei no baú junto com as outras, uma para cada naufrágio. Havia apenas algumas pessoas capazes de entender o que eu sentia, e mesmo assim eu não tinha certeza se entendiam.

Com um suspiro pesado, me dirigi para a sala de estar, onde as vozes de Elizabeth e Miaka soavam mais altas do que me deixava confortável.

— Kahlen! — Elizabeth cumprimentou. Tentei manter a discrição enquanto conferia se todas as janelas estavam fechadas. Elas sabiam como era importante que ninguém nos ouvisse, mas nunca eram tão cautelosas quanto eu desejava. — Miaka acabou de ter outra ideia para o futuro dela.

Mudei o foco para Miaka. Pequena, de pele escura e sempre de bom humor, ela me ganhou nos primeiros minutos em que a conheci.

— Conte, por favor — pedi ao sentar na cadeira do canto.

Miaka me abriu um sorriso largo.

— Eu estava pensando em comprar uma galeria.

— Sério? — perguntei, com as sobrancelhas arqueadas de surpresa. — Então você vai passar da criação para os negócios?

— Acho que você já jamais vai conseguir parar de pintar — Elizabeth disse,

pensativa.

— É talentosa demais — concordei, assentindo com a cabeça.

Havia anos que Miaka vendia sua arte pela internet. Agora mesmo, no meio da conversa, estava mexendo no celular, e tive certeza de que outra grande venda estava por vir. O fato de uma de nós ter um celular era quase ridículo — como se tivéssemos para quem ligar —, mas ela gostava de estar conectada ao mundo.

— Ser responsável por alguma coisa parece divertido, sabe?

— Eu sei — falei. — Ser proprietária de um negócio deve ser fascinante.

— Exatamente! — Miaka digitava e falava ao mesmo tempo. — Responsabilidade, individualidade. Não tenho nada disso agora, então talvez possa compensar mais tarde.

Eu estava prestes a dizer que tínhamos bastante responsabilidade, mas Elizabeth falou primeiro.

— Eu também tive uma ideia nova — ela cantarolou.

— Conta pra gente — Miaka pediu, para em seguida botar o celular de lado e sentar no colo de Elizabeth como se fosse uma cachorrinha.

— Cheguei à conclusão de que gosto mesmo de cantar. Acho que gostaria de continuar cantando, mas de um jeito diferente.

— Você seria uma vocalista fantástica numa banda!

Elizabeth se endireitou no assento, o que quase fez Miaka cair no chão.

— Era exatamente isso que eu tinha pensado!

Eu as observava, maravilhada ao perceber que três pessoas tão diferentes — nascidas em tempos e lugares e culturas distintas — fossem capazes de combinar tão bem. Até mesmo Aisling se encaixou como uma peça de quebra-cabeça quando decidiu deixar sua solidão autoimposta para ficar com a gente por um tempo.

— E você, Kahlen?

— Hein?

Miaka se endireitou.

— Algum sonho novo?

Já havíamos jogado esse jogo centenas de vezes para nos manter animadas. Eu tive dezenas de ideias ao longo dos anos. Já tinha pensado em ser médica, para compensar todas as vidas que tirei. Dançarina, para poder controlar meu corpo de todas as maneiras. Escritora, para descobrir uma maneira de usar minha voz quer eu falasse ou não. Astronauta, caso precisasse botar mais espaço entre a Águia e mim. Já tinha praticamente esgotado todas as possibilidades.

Mas lá no fundo sabia que só havia uma coisa que eu queria de verdade, dolorosa demais para pensar agora.

Olhei para o grande livro de história que estava sobre minha cadeira favorita — o livro que eu tinha intenção de levar comigo para o quarto na noite anterior —, tomando cuidado para que a revista de noivas ainda estivesse escondida dos olhos das outras.

Sorri e dei de ombros.

— Os mesmos de sempre, os mesmos de sempre.

Engoli em seco ao botar os pés no campus. Por mais que eu quisesse uma vida comum e agradável como a de todo mundo, nunca me permitia ficar confortável. Humanos — e a constante necessidade de ficar em silêncio para protegê-los — me deixavam nervosa. Mas mesmo agora eu ouvia a voz de Elizabeth na cabeça: “Não precisa ficar dentro de casa o tempo todo. Não vou viver assim”, ela tinha prometido talvez duas semanas depois de começar sua nova vida conosco. E ela foi fiel à palavra. Não só saía, mas fazia questão de que o resto de nós também tivesse uma vida normal sempre que possível. Me aventurar fora de casa era metade um agrado a ela, metade a mim mesma.

Nossa casa atual era bem perto de uma universidade, o que era perfeito para mim. Isso significava um monte de gente andando de um lado para o outro no gramado e se reunindo em mesas de piquenique. Eu não sentia necessidade de ir a shows ou baladas ou festas, como Elizabeth e Miaka. Me contentava simplesmente em estar entre humanos, observá-los. Se me sentasse debaixo de uma árvore com um livro, era capaz de fingir ser um deles por horas.

Fiquei observando as pessoas passarem, encantada por estar num lugar tão amistoso que algumas pessoas acenavam para mim sem qualquer motivo. Se eu pudesse dizer oi para elas — apenas uma palavrinha minúscula e inofensiva —, a ilusão teria sido perfeita.

— ... se ela não quiser. Tipo, por que ela não diz alguma coisa pelo menos? — uma garota perguntou ao grupo de amigos ao seu redor. Imaginei-a como uma abelha-rainha, enquanto os demais eram as pobres operárias.

— Você tem toda a razão. Ela devia ter falado pra você que não queria ir, não pra todo mundo.

A rainha jogou o cabelo de lado.

— Bom, pra mim já chega. Não vou ficar com esses joguinhos.

Olhei bem para ela, certa de que a garota jogava um jogo completamente

diferente, que sem dúvida ganharia.

— Estou te dizendo, cara, podemos projetar isso — um rapaz de cabelo curto afirmava, acenando para o amigo.

— Não sei — respondeu o outro, um garoto um pouco acima do peso que coçava o pescoço enquanto caminhava rápido. Talvez tentasse deixar o amigo para trás, mas seu interlocutor tinha pés tão ligeiros e tanta motivação que poderia acompanhar um foguete.

— Só um pequeno investimento, cara. Podemos estourar. Em dez anos, as pessoas vão estar falando dos dois nerds da Flórida que mudaram o mundo!

Segurei um sorriso.

Quando a multidão se dispersou à tarde, fui para a biblioteca. Desde que nos mudamos para Miami, eu passava lá uma ou duas vezes por semana. Não gostava de fazer minhas pesquisas para a caderneta em casa. Já tinha cometido esse erro antes, e Elizabeth me criticara sem piedade pela atitude mórbida.

— Por que você não vai logo procurar os cadáveres? — ela tinha dito. — Ou pede para a Água te contar quais foram seus últimos pensamentos. Você quer saber isso também?

Eu compreendia a repulsa dela. Ela via minhas cadernetas como uma obsessão insana pelas pessoas que tinham os assassinado. O que eu queria era que ela compreendesse como aquelas pessoas me assombravam, como seus gritos permaneciam comigo muito tempo depois de os navios afundarem. Saber que Melinda Bernard tinha uma vasta coleção de bonecas ou que Jordan Cammers estava no primeiro ano de medicina aliviava minha dor. Era como se saber mais sobre a vida do que sobre a morte deles tornasse as coisas melhores de alguma forma.

Minha meta hoje era Warner Thomas, o penúltimo da lista de passageiros do *Arcatia*. Warner se revelou uma pesquisa relativamente fácil. Havia milhares de pessoas com o mesmo nome, mas assim que descobri todos os perfis de redes sociais que pararam de postar de repente seis meses antes, tive certeza de que era ele. Warner era um sujeito alto e magro como um poste, e parecia tímido demais para falar com os outros pessoalmente. Aparecia como solteiro em toda parte, e me senti mal por pensar que isso fazia todo o sentido.

A última postagem no blog dele era de partir o coração:

Desculpem pelo texto curto, mas estou atualizando do celular. Vejam esse pôr do sol!

Logo abaixo, o sol se desfazia sobre as costas da Água.

Há tanta beleza no mundo! Não consigo deixar de pensar que coisas boas estão por vir!

Quase ri. A expressão dele em todas as fotos que encontrei me fazia pensar que ele nunca tinha exclamado nada na vida. Mas não pude afastar o pensamento de que alguma coisa tinha acontecido logo antes daquela viagem fatídica. Será que ele tinha motivos para achar que o rumo de sua vida estava mudando? Ou seria apenas mais uma das mentiras que contamos na segurança do quarto quando ninguém pode enxergar a falsidade das palavras?

Imprimi a melhor foto dele, uma piada que ele tinha postado, e algumas informações sobre seus irmãos. Não gostava de andar com as cadernetas por aí, então guardei a papelada com cuidado na bolsa para levar para casa.

Desculpe, Warner. Juro que não foi por mim que você morreu.

Com isso resolvido, consegui focar em algo mais divertido. Eu tinha aprendido ao longo dos anos a compensar cada página devastadora da minha caderneta com alguma coisa feliz. Na noite anterior, tinha olhado uns vestidos antes de colar as últimas fotos de Kerry. Naquele dia, seriam bolos. Descobri a seção de culinária e carreguei uma pilha de livros até um espaço vazio no terceiro andar. Me debrucei sobre receitas, coberturas, arranjos de bolo. Preparei bolos imaginários, um de cada vez, desfrutando do mais consistente dos meus devaneios. O primeiro, um clássico com recheio de baunilha com cobertura azul-clara e enfeites de flores brancas. Três andares. Muito lindo. O seguinte tinha cinco andares; era quadrado, com uma fita preta e broches alinhados verticalmente na frente. Mais apropriado para um casamento à noite.

Talvez esse fosse meu próximo grande sonho. Talvez eu pudesse virar confeitadeira e tornar o dia dos outros especial caso nunca tivesse meu dia.

— Você vai dar uma festa?

Levantei os olhos e deparei com um garoto meio desleixado, loiro, que empurrava um carrinho cheio de livros. Ele usava um crachá meio gasto que eu não conseguia ler e vestia o uniforme de todo aluno de faculdade: calça cáqui e uma camisa com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ninguém mais inovava.

Contive o suspiro. Essa parte da sentença era inevitável. Atraíamos as pessoas naturalmente, e os homens eram particularmente vulneráveis.

Baixei a cabeça de novo sem responder, na esperança de que ele entendesse

o recado. Eu não tinha sentado nos fundos do último andar para socializar.

— Você parece estressada. Uma festa cairia bem.

Não consegui segurar um sorrisinho. Ele não fazia ideia. Infelizmente, ele tomou o sorriso como um convite para prosseguir.

Ele passou a mão no cabelo, o equivalente moderno para o “Bom dia, senhorita” e apontou para os livros.

— Minha mãe diz que o segredo para preparar bolos é usar uma travessa aquecida. Não que eu saiba. Mal consigo preparar uma tigela de cereal.

O sorriso sem graça dele sugeria que aquilo era bem provável, e fiquei levemente encantada quando ele enfiou a mão no bolso, envergonhado.

Era uma pena, de verdade. Eu sabia que ele não era uma ameaça, e não queria magoá-lo. Mas eu estava prestes a recorrer à minha atitude mais grosseira e simplesmente sair andando quando ele tirou a mão do bolso e a estendeu para mim.

— Meu nome é Akinli, aliás — ele disse, à espera de que eu respondesse.

Fiquei boquiaberta. Não estava acostumada com pessoas insistentes diante do meu silêncio.

— Sei que é estranho — ele acrescentou, interpretando errado meu ar de confusão. — É um nome de família. Mais ou menos. Era o sobrenome da família da minha mãe.

Ele manteve a mão estendida, esperando. Normalmente, minha reação seria fugir. Mas Elizabeth e Miaka conseguiam interagir com os outros. Céus, Elizabeth trocava de namorado o tempo todo sem jamais dizer uma palavra. E algo naquele garoto parecia... diferente. Talvez a maneira como seu lábio se erguia num sorriso sem que ele percebesse, ou o jeito com que sua voz saía suave como as nuvens. Tive certeza de que ignorar aquele rapaz magoaria mais a mim do que a ele.

Com cuidado, como se eu pudesse quebrar a nós dois, apertei sua mão, esperando que ele não notasse como minha pele era fria.

— E você se chama...? — ele deu a deixa.

Suspirei, certa de que isso encerraria o diálogo apesar das minhas melhores intenções. Gesticulei meu nome, e os olhos dele se arregalaram.

— Ah, puxa. Então você estava lendo meus lábios esse tempo todo?

Fiz que não com a cabeça.

— Você ouviu?

Fiz que sim.

— Mas não fala... Hum, tudo bem.

Ele começou a apalpar os bolsos enquanto eu tentava combater o medo que me tomava o corpo. Não havia muitas regras, mas todas eram absolutas. Permanecer em silêncio na presença dos outros, até a hora de cantar. Quando essa hora chegasse, deveríamos cantar sem hesitação. Quando não estivéssemos cantando, não deveríamos fazer nada que pudesse expor nosso segredo. Andar pela rua era uma coisa, assim como sentar embaixo de uma árvore. Mas isso? Uma tentativa de conversa real? Isso me deixava em uma área muito perigosa.

— Achei — ele anunciou, sacando uma caneta. — Não tenho papel, então você vai ter que escrever na minha mão.

Olhei para a pele dele, ponderando. Que nome deveria usar? O da carteira de motorista que Miaka tinha comprado para mim pela internet? O que usei para alugar nossa atual casa na praia? O que usei na última cidade em que estivemos? Eu tinha uma centena de nomes para escolher.

Talvez tenha sido tolice, mas escrevi meu nome verdadeiro.

— Kahlen? — ele leu na mão.

Fiz que sim com a cabeça, surpresa ao me dar conta de como era libertador que um humano vivo soubesse meu nome de batismo.

— Bonito. Prazer em conhecê-la.

Abri um sorriso tímido, ainda desconfortável. Não sabia bater papo.

— É muito legal você frequentar uma faculdade tradicional apesar de usar língua de sinais. Me achava corajoso só por mudar de estado — ele disse, rindo de si mesmo.

Apesar de eu não estar à vontade, admirei o esforço dele para sustentar a conversa. Era mais do que a maioria das pessoas faria na situação dele. Ele apontou de novo para os livros.

— Então, hã, se você um dia der essa festa e precisar de ajuda com o bolo, juro que posso ser disciplinado por tempo suficiente para não estragar tudo.

Arqueei a sobrancelha para ele.

— É sério! — ele riu como se eu tivesse contado uma piada. — Enfim, boa sorte. Vejo você por aí.

Ele deu um aceno tímido e continuou a empurrar o carrinho pelo corredor. Fiquei observando. Eu sabia que ia me lembrar do seu cabelo, que parecia bagunçado pelo vento mesmo dentro da biblioteca, e da bondade do seu olhar. E me odiaria por lembrar de tudo isso se nossos caminhos voltassem a se cruzar num desses dias sombrios, dias como os que Kerry ou Warner me encontraram.

Ainda assim, fiquei grata. Não conseguia lembrar da última vez que tinha me sentido tão humana.



— O QUE VOCÊS QUEREM FAZER HOJE À NOITE? — Elizabeth perguntou ao se jogar no sofá. Do lado de fora da janela atrás dela, o céu passava de azul para rosa, de rosa para laranja, e eu risquei mentalmente mais um dia entre os milhares que ainda faltavam para mim. — Não estou muito a fim de ir numa balada.

— Opa, opa, opa! — exclamei, erguendo os braços. — Está doente? — provoqueei.

— Ha-ha — ela replicou. — Só estou com vontade de fazer alguma coisa diferente.

Miaka levantou os olhos da tela do notebook que compartilhávamos.

— Onde ainda é dia? A gente podia ir a um museu.

Elizabeth balançou a cabeça.

— Nunca vou entender como você pode gostar tanto de lugares silenciosos. Como se a gente já não ficasse quieta o bastante.

— Pfff! — desdenhei, lançando um olhar para Elizabeth. — Você, quieta?

Elizabeth me mostrou a língua e pulou para perto de Miaka.

— O que você está vendo?

— Paraquedismo.

— Uau! Agora sim uma coisa divertida!

— Não vai se animando. É só uma pesquisa por enquanto. Queria saber o que aconteceria com nossos níveis de adrenalina se fizessemos uma coisa dessas — Miaka explicou enquanto tomava notas num caderninho. — Tipo, se a gente teria um pico de adrenalina acima da média.

Comecei a rir.

— Miaka, é para ser uma aventura ou um experimento científico?

— Um pouco dos dois. Li que picos de adrenalina podem alterar a percepção, fazer as coisas parecerem desfocadas ou meio que congelar um momento. Acho que seria interessante fazer uma coisa dessas, descobrir o que vou sentir e depois tentar reproduzir na arte.

Achei graça.

— Tenho que reconhecer que é criativo. Mas não existe um jeito mais fácil de ter um pico de adrenalina do que pular de um avião?

— Mesmo se tudo der errado, a gente sobrevive, certo? — Miaka quis saber, e ambas se viraram para mim como se eu fosse a maior autoridade no assunto.

— Acho que sim. Em todo caso, pode me deixar fora dessa aventura em particular.

— Está com medo? — Elizabeth caçoou, imitando um fantasma, agitando os dedos para mim.

— Não — rebati. — Só não tenho vontade.

— Ela está com medo de arranjar problemas — Miaka especulou. — Medo de que a Água não goste.

— Como se Ela algum dia fosse ficar brava com você! — Elizabeth disse, com uma pontinha de amargura na voz. — Ela te adora.

— Ela gosta de nós três — eu disse, cruzando as mãos sobre o colo.

— Então Ela não ia ligar se você pulasse de paraquedas.

— E se vocês ficassem aterrorizadas e começassem a gritar? — desafiei. — O que aconteceria?

Elizabeth, que estava pronta para criticar minha preocupação, recuou.

— Bom argumento.

— Ainda faltam vinte anos pra mim — eu disse em voz baixa. — Se estragar tudo agora, vou jogar fora os últimos oitenta anos. Vocês conhecem tão bem quanto eu as histórias das sereias que fizeram algo errado. Miaka, você viu o que aconteceu com Ifama.

Miaka se arrepiou toda. A Água tinha salvado Ifama de um naufrágio perto da costa da África do Sul nos anos 50, e a jovem aceitou servi-La em troca da possibilidade de viver. Durante sua curta temporada conosco, ela ficou na dela,

passando a maior parte do tempo sozinha no quarto, aparentemente rezando. Depois começamos a nos perguntar se essa frieza era parte de um plano para não se apegar a nós. Quando Ifama precisou cantar pela primeira vez, surgiu sobre as águas, ergueu a cabeça e se recusou. A Água a puxou para baixo tão rápido que foi como se a sereia nunca tivesse estado lá.

Foi um aviso para todas nós. Tínhamos que cantar e tínhamos que guardar nosso segredo. Era uma lista de mandamentos bem curta.

— E Catarina? — continuei. — Ou Beth? Ou Molly? E o monte de garotas que estavam na nossa posição e fracassaram?

As histórias dessas garotas eram lições passadas de uma sereia para outra. Beth usou sua voz para fazer três garotas que a provocaram se jogarem dentro de um poço. Isso foi no final do século XVII, quando a ideia de que bruxas existiam ainda não era considerada absurda. Beth causou um alvoroço na cidade inteira, e a Água teve que silenciá-la para proteger nosso segredo. Catarina foi outra que acabou levada por se recusar a cantar. O estranho é que fez isso depois de trinta anos como sereia. Quase enlouqueci de tanto pensar sobre o que a teria feito desistir da promessa de liberdade depois de tanto tempo.

A história de Molly era diferente — e a mais perturbadora. A vida de sereia acarretou nela uma espécie de colapso mental. Certa noite, depois de ter servido já por quatro anos, ela assassinou uma família inteira, incluindo um recém-nascido, durante uma crise da qual só se deu conta quando estava de pé sobre o corpo de uma idosa de bruços na banheira. Pelo que ouvi, a Água tentou acalmá-la, mas depois que a garota teve outro episódio do tipo uns meses depois, tirou sua vida. Molly era a prova de que existia perdão quando a Água conhecia nossas intenções, mas também demonstrava que havia limites para essa misericórdia.

Essas eram as histórias que carregávamos conosco, os marcos que nos mantinham no caminho. Abandonar as regras significava abandonar a vida.

Se expuséssemos nosso segredo, seríamos presas e talvez virássemos objeto de testes em laboratórios. Quando descobrissem que não podíamos ser destruídas — e se não conseguíssemos escapar —, acabaríamos passando literalmente uma eternidade em cárcere silencioso. E se alguém percebesse que a Água consumia algumas das pessoas de propósito, não demoraria muito até os humanos inventarem um jeito de produzir a própria água sem precisar tocá-la. E se ninguém entrasse na água... como nós viveríamos?

A obediência era um imperativo.

— Me preocupo com vocês — confessei antes de cruzar a sala para abraçá-las. — De verdade, às vezes tenho inveja por vocês terem... assimilado tudo tão

bem. Mas me pergunto por quanto tempo vão conseguir fazer isso sem cometer um erro.

— Não precisa se preocupar — Miaka garantiu. — As sereias têm feito isso ao longo de toda a história, e nós por acaso somos as melhores até agora. Até Aisling vive na periferia de uma cidade. O contato com humanos nos ajuda a manter a sanidade. Você não precisa se isolar para suportar esta vida.

Assentiu.

— Eu sei. Mas não quero forçar meus limites. Ou os da Água.

Elizabeth não precisava dizer nada. Eu conseguia ouvir a opinião dela sem que pronunciasse.

— Por que não vamos ver Aisling? — Miaka sugeriu. — Nunca chegamos a perguntar como ela lida com esta vida.

— Porque ela nunca está aqui — Elizabeth respondeu irritada.

Não víamos nossa quarta irmã desde a última vez que cantamos, e já fazia mais de dois anos que ela não vivia conosco.

— Pode ser uma boa ideia. Uma viagem curta — acrescentei para Elizabeth, que nunca teve muito carinho por Aisling, muito reclusa para o seu gosto.

Elizabeth assentiu.

— Claro. Não tem mais nada acontecendo mesmo.

Saímos pela porta dos fundos, onde uma pequena escadaria de madeira dava para um píer sobre a água. Jet-skis e pedalinhos estavam amarrados no píer de outras casas, mas não havia nada no nosso. O sol já estava baixo o suficiente para que ninguém nos visse entrar no mar.

As correntes dEla se agitaram para nos saudar, e uma sensação parecida com cócegas envolveu meu corpo quando afundamos. Relaxei na ternura do abraço dEla, que me acalmava.

— *Você pode avisar Aisling que estamos chegando?* — perguntei.

— Claro.

— *Uuuuu!* — Elizabeth comemorou quando mergulhamos mais fundo e partimos. A velocidade arrancou suas roupas leves e ela abriu os braços para esperar seu vestido de sereia, o cabelo dançando atrás do corpo.

Quando nos movíamos desse jeito, qualquer veste terrena que usássemos se esvaía. A Água abria Suas veias e liberava milhares de partículas de sal que se fixavam no nosso corpo para criar vestidos longos, delicados e esvoaçantes. Eram maravilhosos e tinham todos os tons dEla — o roxo do recife de corais que nenhum olho humano jamais viu, o verde da alga que cresce na direção do sol, o dourado da areia escaudante na aurora —, sem nunca se repetir. Quase doía ver

os vestidos se desfazerem grão a grão, raramente durando mais do que alguns dias depois que A deixávamos.

— *Você parece triste* — vieram as palavras dEla apenas para mim.

— *Andei tendo mais pesadelos* — confessei.

— *Você não precisa dormir. Vai ficar bem sem isso, você sabe.*

Abri um sorriso.

— *Eu sei. Mas gosto de dormir. Tranquiliza. Só queria poder dormir sem sonhar.*

Ela não podia acabar com os meus sonhos, mas sempre me confortava da melhor maneira possível. Às vezes Ela me levava a ilhas ou me mostrava suas partes mais belas, fáceis de esconder dos humanos. Às vezes Ela sabia que cuidar de mim significava me deixar ficar longe. Nunca quis me afastar dEla por muito tempo, porém. Ela era a única mãe que eu tinha agora.

Parte mãe, parte carcereira, parte chefe... Era uma relação difícil de explicar.

Aisling veio nos cumprimentar nadando, e o vestido parcialmente formado flutuava em faixas ao redor do corpo.

— *Que surpresa!* — ela saudou, apertando a mão de Miaka. — *Venham.*

Fomos atrás dela, contornando as placas de terra que se empurravam para emergir sobre a água como continentes. Nosso senso de geografia era um pouco especializado, pois sabíamos que alguns lugares eram cercados por rochas, outros por areia e outros por falésias. Sabíamos mais coisas de cor também, como os lugares onde nos encontramos pela primeira vez ou a localização dos navios que afundávamos, o que consistia num conhecimento peculiar das cidades-fantasma no fundo do mar.

Acompanhamos Aisling até uma costa levemente recortada e a vimos levantar assim que a água ficou rasa o bastante.

— Não se preocupem — ela disse ao reparar na nossa tensão quando ela saiu do mar de forma tão descarada. — Estamos completamente sozinhas aqui.

— Eu achava que você morasse perto de uma cidade — Elizabeth disse ao pular as rochas arredondadas enquanto atravessávamos a praia.

Aisling deu de ombros.

— A distância é relativa.

Ela nos guiou até uma cabana antiga logo atrás das árvores da praia. Pitoresca, tinha sido construída sob alguns galhos pesados, que deviam refrescar o espaço no verão e o proteger da neve no inverno. Na frente havia um pequeno jardim repleto de flores e arbustos com frutinhas, e a forma como tudo florescia

me deu a sensação de que, enquanto nós três estávamos ligadas apenas à Água, Aisling tirava forças de todos os elementos.

— Aqui é tão pequeno! — Miaka comentou ao entrar.

Só havia um cômodo, que mal chegava ao tamanho da sala de estar da nossa casa na praia. Não havia muita mobília, só uma cama pequena e um banco ao lado de uma mesa.

— Acho aconchegante — Aisling disse ao botar uma chaleira num fogão antigo. — Legal vocês terem vindo. Colhi frutas frescas hoje e estava fazendo uma torta. Me deem quarenta e cinco minutos e teremos uma sobremesa magnífica!

— Estava esperando companhia? — Elizabeth perguntou. — Ou só estava sentindo um tédio incrível?

Não tínhamos muitos motivos para cozinhar. Não precisávamos de comida, e Elizabeth em particular podia ficar meses sem sentir desejos incontroláveis por algum sabor específico.

Aisling abriu um sorriso enquanto terminava de forrar o fundo da forma.

— Sim, o rei deve aparecer a qualquer momento.

— Ah, e o rei gosta de torta? — Miaka entrou na brincadeira.

— Todo mundo gosta de torta! — ela provocou, para em seguida soltar um suspiro. — Estava um pouco entediada hoje, para ser sincera. Por isso estou muito feliz com a visita.

Me aproximei de Aisling, que já estava despejando o recheio na massa da torta.

— Você sabe que sempre pode vir ficar com a gente.

— Ah, eu gosto do sossego...

— Você acabou de dizer que estava entediada — Miaka falou, explorando o ambiente com seus olhos de artista.

— Um dia entre cem — Aisling disse, dispensando a nossa oferta. — Mas sei que preciso passar mais tempo com vocês em dias assim. Vou tentar.

— Você está bem? — perguntei. — Parece ansiosa.

Aisling estampou um sorriso no rosto.

— Estou ótima. Só feliz por ver vocês. Qual é o motivo da visita?

— Você poderia dizer para Kahlen se acalmar, por favor? — Elizabeth pediu, já sentada na cama como se fosse dona da casa. — Ela está melancólica de novo. Fica fuçando aquelas cadernetas, com medo de que o mundo acabe se a sombra de um humano cruzar o caminho dela.

Aisling e eu trocamos olhares, e ela sorriu.

— O que está acontecendo de verdade?

— Nada — jurei. — A gente só estava comparando formas de lidar com a nossa situação. Me sinto mais segura quando estamos no anonimato. Quanto menor o número de pessoas com quem interagirmos, melhor.

— E ainda assim você insiste em morar em cidades grandes! — Elizabeth reclamou.

Revirei os olhos, impaciente.

— Assim nos misturamos mais fácil.

Miaka se aproximou e pôs a mão minúscula no ombro de Aisling.

— Acho que o que Elizabeth quer dizer é que, como você é a mais velha, talvez tenha algumas palavras de sabedoria para compartilhar.

Aisling tirou o avental e todas nos sentamos juntas, nos amontoando no banco e na cama.

— Bom, vamos ser sinceras: a Água não precisa de mais de uma de nós. Ela poderia fazer Seu trabalho com apenas uma sereia. Mas faz questão de que existam pelo menos duas ao mesmo tempo para não ficarmos sozinhas.

— E nós temos a Água — acrescentei.

— O que é estranho. Ela é tão difícil de entender... — Elizabeth emendou enquanto brincava com as escamas salgadas do vestido.

— Ela não é uma pessoa — expliquei. — Claro que é difícil de entendê-La.

— Voltando ao assunto em questão: Aisling, você não acha que é possível interagir com os humanos sem qualquer consequência? — Elizabeth insistiu.

Aisling sorriu, olhando para o nada.

— Com certeza. Na verdade, acho que acompanhar vidas que mudam e têm fases de verdade contribui para a minha própria vida, apesar de eu mesma nunca mudar. É uma questão de conhecer os próprios limites, acho — ela respondeu, e em seguida voltou o olhar para Elizabeth. — Acho que Kahlen sabe os dela, então talvez a gente devesse respeitar.

— Bom, *eu* acho que ela é infeliz e que ficaria muito mais contente se desse as caras no mundo real de vez em quando — Elizabeth falou, abrindo um sorriso. Era um sorriso metido, de quem não quer brigar, apenas deixar claro que ainda achava que tinha a razão.

— Ainda nessa linha... — Miaka interrompeu, endireitando o corpo. — Paraquedas. Você pularia, Aisling?

Aisling soltou uma risada nervosa.

— Não gosto de altura, então provavelmente não.

Miaka assentiu.

— Concordo que a queda ia ser estranha. Mas queria ver o mundo do alto.

— Você viu guerras, assistiu países desaparecerem e se reconstruírem. Passou por mais fases da moda do que a maioria das pessoas se lembra. Caminhamos pela Grande Muralha da China, você andou de elefante... Meu Deus, Elizabeth até nos levou para ver os Beatles! — eu a lembrei. — Você precisa mesmo de mais alguma coisa?

— Quero ver tudo — Miaka disse, radiante.

Passamos o resto da visita conversando sobre as pinturas que Miaka fizera, os livros que lera, os filmes que Elizabeth assistira. Aisling falava sério quando disse que gostava de observar a vida ao seu redor, e nos contou que a melhor confeitaria da cidade ia finalmente fechar a loja e que houve um surto de contratações de gente para levar os cachorros para passear. Essas coisas eram um monte de nada para mim, mas significavam tudo para a vida daqueles estranhos.

— Gostaria de ter um talento como você, Miaka — Aisling lamentou depois de ouvir as teorias da irmã sobre adrenalina e arte. — Tenho impressão de que não tenho nada a dizer. A minha vida está bem parada no momento.

— Você é bem-vinda para vir ficar com a gente — ofereci de novo.

Ela se apoiou em mim, e nossas cabeças se tocaram.

— Eu sei. É que os dias têm passado muito rápido ultimamente. Logo este sossego vai acabar. Acho que vou sentir falta.

— Rápido? — questionei. — O que você faz para os anos não se arrastarem?

— Concordo com Aisling, na verdade. O tempo passa rápido — Elizabeth comentou. — Não dá tempo de fazer tudo o que quero. Mas amo isso!

Depois de algumas horas, Elizabeth começou a ficar inquieta, então eu disse educadamente que era hora de voltar para casa. Aisling me segurou enquanto Miaka e Elizabeth partiam em direção ao mar.

— Não posso te dizer o que fazer, mas sei o quanto nosso trabalho te assombra. Se o seu modo de vida nos últimos oitenta anos não ajudou a se sentir melhor, talvez seja hora de tentar alguma coisa diferente.

— Mas e se eu estragar tudo?

Ela apertou a minha mão.

— Você é boa demais para estragar tudo. E se acontecesse, é mais provável que fosse perdoada. Ela ama você. E você sabe disso.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada.

— À disposição. Logo vou visitar vocês.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A sereia"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).